

# A ALFABETIZAÇÃO É UMA BATALHA PARA A LIBERTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

As orientações anteontem traçadas pelo Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Machel, quando, ao desencadear a Campanha Nacional de Alfabetização, falava aos cerca de quatro mil trabalhadores dos Portos e Caminhos de Ferro em Maputo, constituem um precioso instrumento de estudo, particularmente para os que estão empenhados na batalha contra o analfabetismo. Dado que ontem começaram já, em todo o País, reuniões orientadas por membros da Direcção do Partido, iniciando-se portanto uma ampla mobilização popular que tem por objectivo imediato levar ao conhecimento de todo o Povo os objectivos desta campanha, à luz das orientações do Presidente Samora Machel, divulgamos aqui o discurso anteontem proferido:

Começa hoje a Campanha Nacional de Alfabetização. Viemos aos Portos e Caminhos de Ferro para, com a classe operária, desencadarmos esta nova e fundamental batalha. Fundamental, porque o nosso desenvolvimento político, económico, cultural, social e ideológico, depende, em definitivo, da nossa vitória nesta batalha.

É uma batalha que exigirá a concentração das nossas energias, dos nossos esforços, da nossa inteligência, e, particularmente, da nossa paciência.

É uma batalha longa, é uma guerra prolongada, a batalha que vamos hoje desencadear a partir dos Portos e Caminhos de Ferro.

Se nós não formos capazes de vencer esta nova batalha, o nosso progresso e o nosso desenvolvimento ficarão totalmente comprometidos.

Se nós não formos capazes de vencer esta batalha que hoje desencadamos, viveremos pobres, miseráveis, permaneceremos dependentes do imperialismo. Portanto esta batalha exige energia, inteligência, esforço. Exige particularmente paciência, porque a paciência é o berço da vitória. Ao lado da impaciência está, como irmã gémea, a preguiça. O impaciente é preguiçoso, o preguiçoso é impaciente. São gémeos.

Mas há também o espírito derrotista. Há aqueles que dizem: «Não posso aprender porque já sou velho. Nasci, cresci, lutei, com a minha ignorância, com o meu analfabetismo, o meu obscurantismo, por que é que agora é necessário que eu aprenda?» Isto é espírito derrotista.

O que envelhece nos homens é o organismo. A inteligência, o cérebro, a nossa consciência, esses permanecem jovens. A nossa inteligência não envelhece, a nossa consciência de explorados não envelhece.

Devemos fazer duas perguntas.

A primeira é: porquê uma Campanha Nacional de Alfabetização? A segunda: por que é que a lançamos a partir dos Portos e Caminhos de Ferro?

## O ANALFABETISMO É UM CANCRO PARA O NOSSO DESENVOLVIMENTO

Terminámos há pouco tempo as eleições para as Assembleias do Povo. Neste momento vivemos em todo o país a Campanha de Estruturação do Partido. Por que razão então desencadear uma nova campanha? A resposta é que não há contradição. Todas estas campanhas se completam. Cada uma delas depende das outras.

O nosso país é um país de analfabetos, um país em que a maioria esmagadora dos cidadãos moçambicanos, dos cidadãos nacionais, não é capaz de ler uma resolução da Assembleia do Povo; não é capaz de ler uma directriz do Partido; não é capaz de ler as instruções que acompanham a máquina no local do trabalho; não é capaz de ler as normas que acompanham as sementes seleccionadas para a cooperativa; não é capaz de ler os preços afixados na loja.

Muitos dos nossos deputados das Assembleias do Povo não podem sequer ler a Constituição da República. Quer dizer, não conhecem os seus deveres, não conhecem as suas obrigações e não conhecem os seus direitos. Não são capazes de compreender quando é justo, quando é injusto.

Muitos dos militantes do Partido não são capazes de ler os Estatutos e o Programa do Partido.

Muitos dos membros dos Conselhos de Produção não estão em condições de ler o programa de produção da sua própria empresa, de poder conhecer as metas.

Se não souber ler, como irá o nosso camponês diversificar a produção no campo? Como irá o nosso camponês, o nosso cidadão, lutar contra os maus hábitos alimentares, os maus hábitos higiénicos?

Como será capaz de ler quando está escrito que é proibido, ou que há um perigo? Como será capaz de ler as regras mais elementares? Como é que, fundamentalmente, será capaz de diversificar a produção, de melhorar a qualidade da produção, de melhorar a qualidade do seu trabalho?

O analfabetismo é um cancro para a sociedade, é um cancro para a humanidade. O analfabetismo é um cancro para o nosso desenvolvimento.

Fixámos metas fundamentais para o nosso povo, que correspondem aos interesses principais de cada homem e mulher no nosso país: Queremos acabar com a fome, queremos acabar com a nudez, queremos acabar com a doença. Queremos acabar, em definitivo, com a miséria e com a pobreza.

Para acabar com a fome e a nudez temos que produzir mais, melhor, mais depressa, mais barato. Para acabar com a doença temos que saber viver melhor, comer melhor.

Por que continuamos a ter fome se a nossa terra é generosa para todos nós? A nossa terra dá-nos milho, arroz, trigo, açúcar, feijão, girassol, gergelim, dá-nos todo o tipo de fruta. Dá-nos laranja, abacate, toranja, tangerina, ananás, manga, caju. Dá-nos mafurra, tomate, alface, cenoura e cebola. É isto que liquida a fome.

O nosso mar também é generoso. Dá-nos camarão, peixe,

lagosta, lagostim e atum. Dá-nos amêijoia, mexilhão, tartaruga e baleia.

Mas se formos analfabetos como podemos tirar proveito e rendimento de tudo isto?

A nossa terra dá-nos ouro, cobre, urânio, ferro, asbestos. A nossa terra dá-nos carvão e das madeiras mais preciosas do mundo. Como utilizar tudo isto em benefício do progresso, em benefício do desenvolvimento social, cultural e económico, quando somos analfabetos?

O estudo significa a organização, significa adquirirmos conhecimentos. O estudo significa conhecimento sistematizado. Não é somente ler. Há um objectivo essencial, há um objectivo traçado que nós queremos atingir.

### **A SABEDORIA É UM INSTRUMENTO DE LIBERTAÇÃO**

Quando desencadeámos a luta armada tivemos que responder a estas perguntas todas: Quanto tempo vai durar a guerra? E dissemos: «O tempo que for necessário.» Quem participará na guerra? São apenas os jovens? Dissemos: «Não, porque se trata da libertação de todos, porque se trata essencialmente de libertar os homens e a terra.» Era o País inteiro que estava em causa. Hoje, de novo, a 3 de Julho de 1978, necessitamos de um novo engajamento para lutarmos contra o analfabetismo, a ignorância, o obscurantismo. Portanto também agora é necessária a participação massiva dos homens, das mulheres, das crianças, dos velhos. Essencialmente é necessária a participação dos velhos.

A luta contra o analfabetismo é também uma luta contra os preconceitos herdados. É fundamentalmente, uma luta política. Temos de lutar contra os preconceitos, lutar contra os tabus estabelecidos, lutar contra os sistemas herdados, sistemas que foram sendo aperfeiçoados pelos nossos inimigos.

A ciência nas mãos do inimigo é um instrumento para a morte. O nosso inimigo, utiliza a ciência para oprimir, para semear a morte, para semear a miséria. Para nós, a sabedoria, é um instrumento para a libertação, um instrumento para o nosso desenvolvimento.

O analfabetismo, a ignorância, o obscurantismo, são os inimigos da nossa organização, do nosso conhecimento. Saber ler e escrever, saber sintetizar as nossas experiências e dominar a ciência, são as nossas armas para vencer esta guerra.

Fundamentalmente é necessário que vocês compreendam a ligação destas oficinas com os outros sectores de produção do nosso País. É necessário saber que esta oficina está ligada à agricultura e à indústria, ao hospital, à escola, à Universidade, às escolas secundárias, às escolas primárias. É necessário saber que a vossa oficina está ligada ao hotel, à pensão, à empresa de construção; saber que se a vossa oficina não funciona, não há abastecimento na cidade, se a vossa oficina não funciona, se não está organizada, os funcionários chegam tarde ao serviço, prejudicam a chegada dos alunos a tempo à escola; saber que a oficina está ligada a todos os sectores: transportes aéreos, ferroviários, rodoviários e marítimos; a vossa oficina está ligada ao tractor que cultiva a terra, à machamba, à enxada que fere a terra.

Mas compreender isso exige conhecimento. Onde estão essas ligações, como se fazem essas ligações? Para sabermos isso é preciso saber ler e escrever. Em 20 de Setembro de 1974, na tomada de posse do Governo de Transição, dissemos: «Colocar a instrução, a educação e a cultura ao alcance e ao serviço das largas massas, combatendo enérgica e sistematicamente a pesada herança que nos foi legada pelo colonialismo: o analfabetismo, a ignorância, o obscuranismo.» No III Congresso dissemos: «Orientar e controlar o sistema de ensino, dando prioridade à alfabetização do nosso Povo.» Estamos, portanto, a cumprir essas orientações, vejamos em concreto: numa machamba onde trabalhamos com muito esforço, ao nível da agricultura familiar, produzíamos 300 a 400 quilos de comida por hectare. Quatrocentos quilos, são quatro sacos de cem quilos.

Para comer, comprar leite, comprar vestido, comprar capulana, comprar blusa, comprar sapatos para domingo e sapatos para o trabalho, comprar saia, vestir os filhos, ter cobertor, comprar cama, comprar boa colcha... quatrocentos quilos é suficiente? Não.

Mas isto é a realidade em todo o nosso País. Num país em que os trabalhadores agrícolas, os camponeses, dominam a ciência e a técnica, com um esforço idêntico eles produzem sete toneladas de arroz ou milho por hectare! Vejam a diferença: Sete toneladas significa setenta sacos, num hectare. A China já produz dez toneladas por hectare, a República Popular e Democrática da Coreia produz também dez toneladas por hectare. Significa cem sacos por hectare, enquanto nós produzimos quatro sacos apenas.

Quando dizemos produzir, dizemos produzir melhor, mais depressa, mais barato. Diremos melhor: mais depressa, mais eficientemente, mais rápido.

Este ano, o Vale do Limpopo vai produzir trinta e cinco mil toneladas de arroz! Sabem quantos sacos são? São 350 mil sacos de arroz! Mas se já dominássemos a ciência teríamos produzido oitenta ou noventa mil toneladas no Vale do Limpopo. Noventa mil toneladas significa 900 mil sacos! No nosso país, comemos 120 mil toneladas, o que significa um milhão e duzentos mil sacos de arroz, e ainda não é toda a gente que come arroz. Nós queremos que, em todos os produtos, sejamos produtores, consumidores e exportadores. Temos que produzir, comer e exportar.

Quando dou este exemplo quero dizer que se produzíssemos o que poderíamos produzir só nas zonas que já cultivamos, estaríamos em condições de ter arroz quase para as necessidades de todo o País.

O mesmo acontece em relação ao algodão. Se produzíssemos o que poderíamos produzir, teríamos algodão para vestir o nosso Povo, do Rovuma ao Maputo, e ainda sobrava para vender. Mas se nós não compreendermos o valor do algodão continuaremos nus. E teremos que comprar algodão para as nossas fábricas poderem trabalhar. Com esse dinheiro poderíamos comprar outras máquinas.

Não tem sentido estarmos a comprar peixe quando temos uma costa com três mil e quinhentos quilómetros.

Não tem sentido termos que comprar castanha de caju, quando somos um dos maiores produtores de castanha do mundo,

O ano passado, tivemos que comprar à Tanzânia trinta e cinco mil toneladas de castanha de caju, para as nossas fábricas.

A causa disto é o nosso analfabetismo, a nossa ignorância, o nosso osbcurantismo. É um cancro, para o nosso desenvolvimento.

É preciso acabar com o analfabetismo. É preciso destruir esse cancro, é preciso aceitarmos ir ao médico e dizer: «Corte-me este braço, porque não quero que a doença que existe neste braço me atinja o corpo inteiro.» Temos que aceitar ir à Educação e dizer: «Tirem-me a ignorância, o analfabetismo.»

Encontraremos algumas resistências, do Rovuma ao Maputo. Haverá alguns que dirão: «Você agora quer ir estudar com esta idade?». Não tenhamos ilusões. Vamos encontrar esses desmobilizadores. Além disso, pessoas com mentalidade capitalista, quando vêem outras adquirir conhecimentos pensarão: «Se este aprende, eu vou perder o emprego.» Isto é errado, é falso. Na sociedade socialista quanto mais pessoas há com conhecimentos, melhor, porque vamos produzir mais e melhor, vamos viver melhor. Essa é a sociedade nova.

### **DOMINAR A TÉCNICA E A CIENCIA É ESTUDAR E NÃO IMITAR**

Vejamos outros exemplos:

A fruta é vida para as crianças. Em muitas zonas do nosso país produzimos fruta, mas não comemos. Noutras, apesar de haver condições favoráveis, não produzimos. Temos ovos mas poucas são as mulheres grávidas que comem ovos, apesar disso ser indispensável para a saúde da mãe e para o desenvolvimento saudável do bebé que está para nascer. As vacas, ovelhas e cabras que existem no nosso País, embora em quantidade muito insuficiente, dão leite, que as crianças não aproveitam. Não sabemos aproveitar o que temos, nem melhorar a nossa vida. Estes são os tristes resultados do analfabetismo, da ignorância.

A guerra que agora vamos desencadear contra o analfabetismo é parte integrante da nossa luta contra a fome, contra a doença e contra a miséria. É parte integrante da nossa luta para tornar eficaz o exercício do Poder Popular. É necessária para que o Partido, através dos seus militantes, possa na prática quotidiana assumir o papel dirigente da sociedade e do Estado.

Esta não é uma batalha nova. Já a tínhamos travado durante a guerra, quando começámos a alfabetizar os soldados, para que eles pudessem tirar o rendimento devido da sua arma, para que eles pudessem assumir a estratégia e a táctica do desenvolvimento da luta armada de Libertação Nacional.

Quando nós não sabemos, corremos sempre o risco de cometermos mais erros. Os acidentes nos Caminhos de Ferro são frequentes. Os comboios, em Nampula, Beira, Maputo, Tete e Mutarara, ainda têm desastres, porque a ignorância dá incompetência. O ignorante é incompetente. O incompetente julga saber tudo.

Em Maputo, hoje, é um perigo andar nas estradas. Os machimbombos vão contra os postes, galgam os passeios, vão contra as árvores, vão contra as lojas, contra os prédios, contra as casas. Os machimbombos vão contra mulheres, contra crianças e contra nós. Há machimbombos que saem daqui para Gaza,

Inhambane e Beira, e duram uma semana pelo caminho, transportam cem pessoas mas é como se transportassem dez toneladas de lenha. Não há consciência de que transportar pessoas, seres humanos, velhos, crianças, mulheres, é uma grande responsabilidade. Há mesmo os que conduzem machimbombos quando estão totalmente embriagados. Isto não é somente ignorância, nem incompetência, é irresponsabilidade e inconsciência que, em muitos casos, nasceu da ignorância, do analfabetismo, do obscurantismo.

Tivemos acidentes aqui no cais de minério, no porto de Maputo, por causa dessa inconsciência e irresponsabilidade, por causa da ignorância.

Tudo isto me faz lembrar a história de um macaco que, uma vez, estava em cima duma árvore perto da residência de um homem que fazia a barba com uma navalha todos os dias. O macaco quis imitá-lo e arranjou uma navalha, espelho e água. Molhou o focinho e pegou na navalha e começou a cortar o pescoço, pensando que estava a fazer a barba.

Dominar a técnica e a ciência é estudá-la, não é imitar os técnicos e cientistas.

### **OS OBJECTIVOS ESSENCIAIS DA CAMPANHA**

Para a batalha do nosso desenvolvimento, o objectivo da Campanha Nacional de Alfabetização de Adultos, é libertar a iniciativa dos nossos trabalhadores, fornecendo-lhes conhecimentos científicos básicos e instrumentos de análise, que lhes permitam a sua completa participação no processo revolucionário.

Alfabetizar, é produzir melhor, é preparar o trabalhador para aumentar conscientemente a qualidade da nossa produção, é o primeiro passo para materializarmos o princípio de que o estudo deve ser permanente, no nosso País. Alfabetizar é vencer o maior obstáculo ao rápido desenvolvimento da economia nacional, através do aproveitamento racional dos nossos recursos, com os meios que dispomos. Alfabetizar é preparar para dominar a técnica, as máquinas com que trabalhamos, para dominar a ciência e conhecer como dominar as leis do desenvolvimento da sociedade e da natureza, para controlar e transformar a sociedade e a natureza. Alfabetizar é criar e consolidar condições para podermos planificar a vida e a produção, para que o Povo possa, efectivamente, tomar o poder e construir uma sociedade nova.

O objectivo da alfabetização, é armar ideologicamente, armar cientificamente, dar os conhecimentos e meios de análise ao trabalhador moçambicano e libertar os adultos e velhos do passado; é libertar a iniciativa criadora, é liquidar o obscurantismo e a ignorância.

A Campanha de Alfabetização, é o primeiro passo de um processo longo e permanente, para aumentar cada vez mais os nossos conhecimentos e conquistar a ciência.

O nosso objectivo, nesta campanha é, também, diminuir os desastres, acabar com os acidentes nas ruas e nas fábricas, por causa da ignorância. O nosso objectivo é diminuir o desperdício de matérias-primas, de tempo, de trabalho, desperdício, portanto, da nossa riqueza. E diminuir a mortalidade infantil, é liqui-

dar a fome e a nudez, é produzir mais e melhor, é acabar com as bichas que surgem quando não produzimos.

Alfabetizar é fortalecer a nossa consciência política, é solidificar a aliança que liga o operário ao camponês, é compreender a interligação que existe entre o operário e a Função Pública, entre o operário e o hospital, entre o operário e a escola.

Alfabetizar significa transmitir novos esquemas de compreensão dos fenómenos da natureza, significa aumentar a auto-confiança nas nossas próprias forças. O dever da alfabetização é preparar para poder assumir conscientemente as interligações que existem entre o nosso país e o mundo, as relações que existem entre os Povos, a solidariedade que há entre os oprimidos, a solidariedade dos proletários de todo o mundo.

A generalização da língua portuguesa, é um meio importante de comunicação entre todos os moçambicanos, veículo importante do nosso futuro comum. Alguns perguntavam durante a guerra: «Para quê continuarmos com a língua portuguesa?» Alguns vão dizer que a Campanha Nacional de Alfabetização é para valorizar a língua portuguesa. Em que língua é que vocês gostariam que nós desencadeássemos a Campanha de Alfabetização? Em Macua, em Maconde, em Nyanja, em Changane, em Ronga, Bitonga, Ndaou, em Chuabo?

Estes são os objectivos essenciais da Campanha Nacional de Alfabetização.

#### **A CONSCIÊNCIA OPERÁRIA DOS TRABALHADORES DOS PORTOS E CAMINHOS DE FERRO**

Proclamamos o desencadeamento desta batalha nesta reunião com os trabalhadores dos Portos e Caminhos de Ferro porque nos Portos e Caminhos de Ferro se encontra a maior e mais antiga concentração de operários do nosso País.

Nos operários dos Portos e Caminhos de Ferro encontramos os problemas principais a que fazemos face. Nesta reunião estão trabalhadores das Oficinas Gerais que na sua grande maioria sabem ler e escrever, e trabalhadores da Via e Obras entre os quais é elevada a percentagem de analfabetos.

Uns fazem funcionar as máquinas outros permitem às máquinas circular. Os trabalhadores das oficinas estão concentrados, os trabalhadores da Via e Obras estão dispersos ao longo dos 3000 Kms de linha férrea existente no nosso País.

Queremos aumentar a produção de carvão em Moatize. Transportar o carvão para os portos depende das locomotivas, depende dos vagões, depende do estado da via. Queremos que os morangos da Angónia não apodreçam. Quem é que conhece o que é morango? São muitos, mas os morangos estão a apodrecer na Angónia. Queremos cultivar 80 000 hectares de cereais na Angónia. Como escoar a produção para o País?

Em Niassa existe muita terra fértil. Estamos a preparar dezenas de milhar de hectares para a produção de trigo. Temos indicação de importantes jazigos minerais nessa Província. Como fazer com que a produção de Niassa sirva todo o País?

Inicia-se agora a construção do complexo têxtil em Cabo Delgado. Ele precisa de receber algodão para nos dar roupa.

Estão a ser construídas barragens em Cabo Delgado que

deverão fornecer mais comida ao País. Como fazer com que o esforço de produção beneficie o nosso Povo?

O caju e o algodão de Nampula devem chegar às nossas fábricas para se transformarem em óleo e roupa.

A copra e o chá da Zambézia devem ser vendidos ao estrangeiro para podermos comprar os tractores e máquinas que ainda não produzimos.

Em Manica vai-se erguer o grande complexo da produção do papel. Vai-se valorizar a nossa madeira. Desenvolve-se a produção da fruta. Sabemos que o ano passado tivemos que enterrar laranjas que apodreceram. Eram mais de 100 toneladas.

Em Sofala os trabalhadores engajaram-se resolutamente na tarefa de aumentar a produção do açúcar. Precisamos de mais açúcar para o nosso consumo interno, precisamos de mais açúcar para exportação.

Inhambane é rico em madeiras que podem abastecer o nosso mercado nacional e o internacional. Inhambane tem grandes possibilidades de indústria química a partir do gás. Mas é preciso liquidar o analfabetismo.

O Vale do Limpopo deve-se tornar rapidamente no Celeiro Nacional, mas o Celeiro só é útil quando os produtos podem ser distribuídos.

Em Maputo concentra-se uma grande parte da indústria nacional que deve abastecer o País.

São os trabalhadores dos Portos e Caminhos de Ferro quem tem a tarefa de assegurar a circulação dos nossos produtos. São os trabalhadores dos Portos e Caminhos de Ferro que devem levar as charruas e os adubos para as zonas agrícolas, trazer a comida para as zonas urbanas, garantir a saída das nossas exportações para o estrangeiro.

Estão aqui reunidos os trabalhadores das Oficinas Gerais dos Caminhos de Ferro. Do eficaz funcionamento das Oficinas depende a regularidade do comboio. O atraso de um comboio implica a perda da coincidência com os machimbombos, implica perda de inúmeras horas para grande número de cidadãos.

Se o comboio que atrasa é de mercadorias implica a imobilização de camiões ou o atraso injustificado de navios, fazendo a economia nacional perder milhares de contos.

Estão aqui presentes também os trabalhadores de Via, que de sol a sol, zelam pela segurança da circulação dos nossos comboios. Temos conhecimento de que a maioria que trabalha na Via e Obras é analfabeta. Mas sabemos também que eles têm um alto sentido de responsabilidade. Por isso dizemos aos companheiros que estão aqui e a todos os outros, que eles não trabalham porque o fiscal, ou capataz os vigia constantemente. Não. Eles trabalham porque para eles o capataz é fundamentalmente a sua consciência. A responsabilidade da sua acção não se resume àqueles 1000 metros de linha onde ele exerce directamente a sua tarefa — ele é um elemento decisivo num dos sectores determinantes da economia nacional.

### **DEFINIÇÃO DOS SECTORES PRIORITÁRIOS**

O nosso princípio de trabalho é concentrarmos forças para aniquilar o inimigo. Quer isto dizer concentrar os que sabem ler



e escrever para que estes unam os seus esforços com aqueles que são analfabetos de modo a liquidar o analfabetismo. Na batalha, porque os objectivos são muitos, devemos definir prioridades.

As nossas prioridades neste momento são as Forças Populares de Libertação de Moçambique. Temos o Serviço Militar Obrigatório. Os jovens vão estar dois anos nas Forças Armadas. Não podemos tolerar que alguém saia das Forças Armadas sem saber ler nem escrever. Um soldado que não sabe ler nem escrever não sabe tirar todo o rendimento da sua arma, não sabe estudar o inimigo, tem dificuldade em compreender a grandeza da sua tarefa, as razões do seu combate. Ensinar a ler e escrever aos soldados das Forças Populares de Libertação de Moçambique é fazer das Forças Populares uma escola que forma quadros para a economia nacional, é fazer do Serviço Militar Obrigatório um veículo de transformação do nosso País.

Temos as empresas estatais agrícolas e industriais. Temos fábricas, temos cooperativas, temos aldeias comunais. Estes são os sectores de vanguarda da nossa economia nacional, são a grande força que transformará o nosso País. É aí que se desenrola a batalha principal da produção e pelo aumento da produtividade. Liquidar o analfabetismo nestes sectores é permitir o desenvolvimento rápido da economia nacional.

Quando liquidamos o analfabetismo criamos as condições para liquidar a ignorância. A ignorância é a incapacidade de compreender um fenómeno em todas as suas dimensões. O ignorante pode saber ler e escrever mas do seu trabalho e do seu País, da sua vida mesmo em casa só tem uma visão empírica, uma visão imediata e rotineira. Por exemplo, ao reparar a biela da locomotiva não tem consciência do que é que significa o seu trabalho para a empresa do Vale do Limpopo que necessita de trazer o arroz para o Maputo e precisa de receber o cimento para o regadio. Por exemplo, o ignorante ao urinar fora da retrete não tem consciência que está a criar condições para o seu filho apanhar a bilharziose.

Aprendendo a ler e a escrever, aprendendo a ter uma visão do conjunto, o sabermos integrar aquilo que fazemos no esforço de todos, criamos condições para obtermos uma visão científica e materialista do mundo, para derrubarmos o inimigo da ciência, o obscurantismo.

O obscurantista embora muitas vezes saiba ler e escrever e embora às vezes até tenha feito cursos de Filosofia e Teologia é incapaz de compreender a relação dos fenómenos da natureza e da sociedade.

Por exemplo, um obscurantista pensa que a miséria, a existência de classes, quer dizer a exploração do homem pelo homem, resulta dum plano divino, ele considera a morte e o sofrimento

como uma fatalidade necessária. A seca e as inundações, a saraivada, são para ele coisas contra as quais não podemos lutar.

A luta pelo socialismo derruba as classes exploradoras. A luta pelo aumento da produção acaba com a miséria. A utilização da ciência médica faz recuar a doença e a morte. As barragens e o regadio impedem as secas e as inundações. As técnicas modernas podem impedir os granizos e as saraivadas. Por uma alimentação mais cuidada das mulheres grávidas e das crianças podemos salvar muita gente. Mas nós sabemos que os obscurantistas frequentemente lutam contra o consumo de leite, ovos, peixe, carne, em nome de tabus e tradições. Um exemplo: os descendentes do Gungunhana não comem peixe, mas este possui o fósforo necessário ao cérebro. Outros não comem carne de porco em nome de proibições divinas, quando esta é uma carne extremamente rica. Há os que proíbem mulheres, jovens e crianças de comerem ovos, quando o ovo é um dos elementos indispensáveis à boa saúde.

A construção da sociedade socialista, a criação do homem socialista são incompatíveis com a existência do obscurantismo, da ignorância e do analfabetismo.

Vamos começar a nossa Campanha de Alfabetização. Que os que sabem aprendam mais e ensinem aos que não sabem. Que aqueles que não sabem aceitem aprender. Que todos e cada um se torne elemento activo da transformação do nosso País. Que todos e cada um se engaje no combate duro, longo, mas exaltante para pôr a ciência ao serviço do nosso progresso. cada um aprenda a sentir a dor do outro como uma dor de todos nós. E dizemos: «FAÇAMOS DO PAÍS UMA ESCOLA EM QUE TODOS APRENDEMOS E TODOS ENSIMAMOS».

(De: "Notícias", Maputo, 1978-07-05)